

De volta ao futuro da língua portuguesa.  
Atas do V UO GNR/"Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa  
Simpósio 47 - Português do Brasil: História, contatos e variedades, 983-1002  
ISBN 978-88-8305-127-2  
DOI 10.1285/i9788883051272p983  
<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

## A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS DO RS: ENTRE A ORIGEM AFRICANA E O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Antonio Carlos Santana de SOUZA<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho perscruta a influência do contato linguístico de afrodescendentes do Rio Grande do Sul (RS). A análise nele proposta deu especial atenção aos fenômenos que remontam a uma Origem Africana ou que rumem para o Português Contemporâneo e alinham-se teoricamente a outros estudos de línguas africanas e de seu contato com o português (VOGT; FRY, 1996; FIORIN; PETTER, 2009; LUCCHESI, 2009). Tem-se no Brasil 155 comunidades afro-brasileiras, com 3831 famílias. Dentre elas, as comunidades selecionadas para este trabalho foram: **1) Região do Litoral/Lagunas** – Morro Alto (Osório); **2) Região Metropolitana** – Família Fidelix (Porto Alegre); **3) Região das Antigas Charqueadas** – Maçambique (Canguçu); **4) Região dos Pampas** – Palmas (Bagé); **5) Região da Depressão Central** – Cerro Formigueiro (Formigueiro); **6) Serrana/Imigração** – São Roque (Arroio do Meio); e **7) Região das Missões** – Comunidade Quilombola Correa (Giruá). Consideram-se condicionamentos sócio-históricos distintos, entre os quais o grau de isolamento; a localização rural ou urbana; a microrregião sociocultural; a presença de outras línguas no entorno; e a antiguidade da comunidade ou toponímica da população. Verificaram-se as marcas de africanidade que distinguem a variedade do português dessas comunidades do português falado no seu entorno e em que medida se transferem variantes linguísticas do entorno para o português dessas comunidades. Os resultados advindos do trabalho de campo identificaram se o comportamento linguístico dos membros desse tipo de espacialidade linguística era mais conservador e seguia, desse modo, uma orientação mais centrípeta (para dentro da comunidade) ou se tendia a uma abertura para fora (orientação centrífuga), perdendo/abandonando, nesse sentido, as marcas de africanidade que distinguem sua variedade da variedade do português do entorno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Macroanálise pluridimensional; Comunidades afro-brasileiras; Língua Portuguesa no Brasil; Condicionamentos sócio-históricos distintos; Marcas de africanidade.

---

<sup>1</sup> Docente do Programa de Mestrado em Letras da UEMS. Líder do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos (NUPESSD-UEMS). Endereço: Rua Ranulfo Saldivar, 133 – Parque Alvorada – Dourados/MS – CEP:79.823-420 – Brasil. E-mail: [acssuems@gmail.com](mailto:acssuems@gmail.com)

## **Introdução**

O presente trabalho perscrutou a influência do **contato linguístico** entre afrodescendentes, nomeadamente *quilombolas*, e comunidades de fala presentes em seu entorno em diferentes áreas sócio-geográficas do Rio Grande do Sul (RS). O objetivo central foi realizar uma **macroanálise pluridimensional da variação do português nessas comunidades afro-brasileiras**, dando especial atenção aos fenômenos que remontam, de um lado, a uma origem africana ou que, de outro lado, sinalizam uma mudança na direção do português contemporâneo.

Este estudo buscou contribuir, neste sentido, para integrar os estudos de línguas africanas e de seu contato com a língua portuguesa no Brasil, ampliando o conhecimento da língua falada por afro-brasileiros (Pessoa de Castro, 1990; Vogt; Fry, 1996; Careno, 1997; Petter, 2001 e 2002; Petter; Fiorin, 2009; Lucchesi, 2009).

## **Comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**

Oficialmente em 2013, existem 2.408 comunidades remanescentes de quilombos identificadas no País, mas acredita-se que há de 4 a 5 mil, com uma população estimada de 2 milhões de pessoas.

Os “quilombos” surgiram como forma de resistência à escravidão por toda parte onde havia escravizado. No Brasil os primeiros “quilombos” surgiram desde o início do período colonial, quando o país era colônia de Portugal, e o trabalho escravizado foi usado como mão de obra compulsória nas lavouras de cana, na extração da borracha e do ouro, na produção do açúcar, fumo, algodão e charque conforme a região do Brasil.

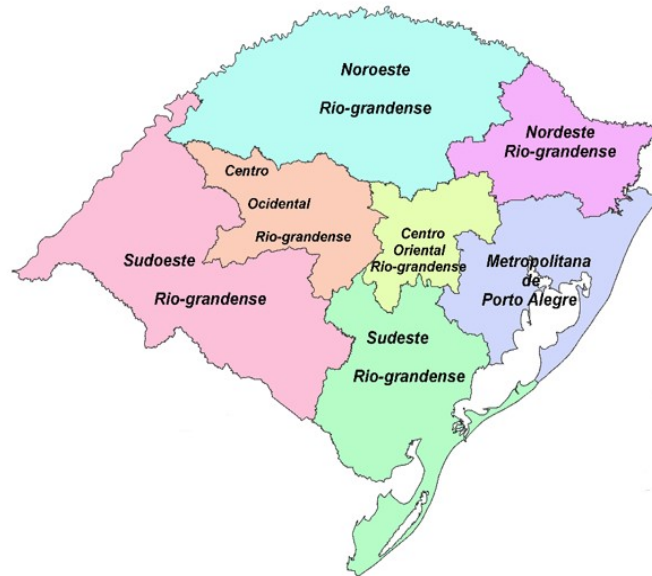


Figura 1 : Mapa do Estado do Rio Grande do Sul dividido em regiões  
(Fonte: [http://img.radios.com.br/mapas/brasil\\_riograndesul.gif](http://img.radios.com.br/mapas/brasil_riograndesul.gif)).

O RS conta, atualmente, com 155 comunidades afro-brasileiras que englobam 3831 famílias. As comunidades selecionadas para esta análise foram:

- 1) **Região do Litoral/Lagunas:** RS01 – Morro Alto (Osório).
- 2) **Região Metropolitana:** RS02 – Família Fidelix (Porto Alegre).
- 3) **Região das Antigas Charqueadas** – RS03 Maçambique (Canguçu).
- 4) **Região dos Pampas:** RS04 – Palmas (Bagé).
- 5) **Região da Depressão Central:** RS05 – Cerro Formigueiro (Formigueiro).
- 6) **Serrana/Imigração:** RS06 – São Roque (Arroio do Meio).
- 7) **Região das Missões:** RS07 – Comunidade Quilombola Correa (Giruá).

As localidades selecionadas diferenciam-se por uma série de fatores, seja de ordem sócio-histórica, política ou geográfico, que podem influenciar a língua (portuguesa) falada nessas comunidades. Trata-se, em termos dialetológicos, de espaços descontínuos que lembram *ilhas linguísticas*, ocupadas por determinada população caracterizada por traços como origem étnica e língua particular, em que é possível identificar a comunidade afro-brasileira como um grupo minoritário diferente de outros.

Para investigar a variedade do português falado nessas comunidades, nos baseamos na perspectiva teórica da dialetologia pluridimensional, conforme Thun (1998), Radtke e Thun (1996), a qual inclui nas pesquisas linguísticas diferentes dimensões espaciais e sociais em comunidades de fala distintas. Segundo Thun (1998), a “dialetologia pluridimensional” pode ser compreendida como a ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades de um lado e de falantes

de outro. À dimensão diatópica ou areal da geolinguística tradicional se incorporam outras dimensões, tais como a idade (dimensão diageracional) e o sexo (dimensão diasssexual) etc.

O que a pluridimensionalidade pretende é evitar as conclusões perigosas da dialetologia monodimensional da suposta uniformidade e ausência de variabilidade linguística. O estudo – a observação da variação orienta-se por um conjunto de dimensões de análise, através das quais se busca organizar o “caos aparente” da variação linguística e captar os aspectos centrais que caracterizam o comportamento linguístico em determinada área de estudo.

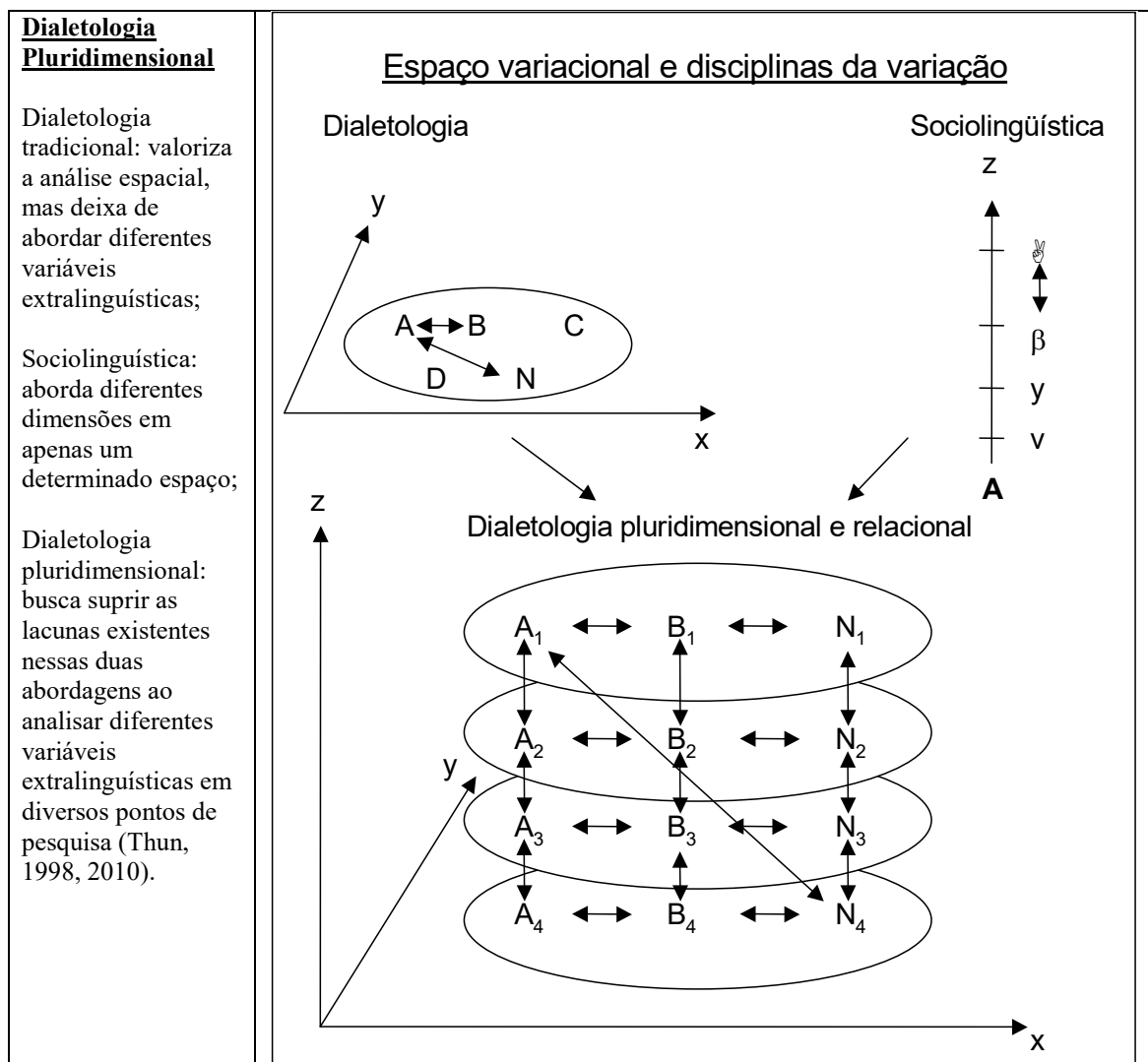


Figura 2: Modelo da dialetologia pluridimensional e relacional, segundo o esquema de Thun (1998:705)

Através desse modelo de macroanálise da variação e dos contatos linguísticos, foi possível identificar no comportamento linguístico variável das sete comunidades afro-brasileiras alguns fatores determinantes da variação e mudança do português,

apontados pelos dados dos diferentes pontos de pesquisa (dimensão diatópica), grupos etários GII e GI (dimensão diageracional) e falantes homens e mulheres (dimensão diassexual).

Frente à impossibilidade de se poder considerar o Rio Grande do Sul como um bloco linguístico uniforme, é preciso partir do pressuposto de que o português sul-riograndense comporta subvariedades que podem ser associadas à microáreas de variação, condicionadas por fatores históricos, sócio-culturais e geográficos, entre os quais áreas de fronteira, de campo, de serra e de litoral, bem como áreas de imigração, de colonização antiga e recente, urbanas e rurais.

As contribuições de projetos como o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS, 2011a e 2011b) e *Variação Linguística Urbana da Região Sul* (VARISUL) têm mostrado a relevância dos contatos linguísticos para essa configuração linguística do território (Altenhofen, 2008). Torna-se necessário, assim, considerar a dimensão diatópica das comunidades afro-brasileiras, seu contexto histórico e geográfico, a fim de evitar generalizações que impediriam a observação e análise de processos regionais particulares que, além de caracterizarem as respectivas comunidades, permitem comparar e compreender melhor os diversos fatores sociais subjacentes ao comportamento linguístico dos falantes em cada ponto de pesquisa.

### **Afrodescendentes no contexto das línguas minoritárias**

Língua minoritária pode ser entendida como toda e qualquer língua falada por uma minoria num estado nacional. Partindo deste princípio, o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil (GTDL), em Seminário realizado no ano de 2006, começou a discutir acerca da Criação do Livro de Registro das Línguas.

Segundo o Livro de Registro de Línguas do IPHAN, no Brasil, além da Língua Portuguesa, temos mais de 200 línguas sendo faladas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de *autóctones*), e as comunidades de descendentes de imigrantes cerca de 30 línguas (chamadas de línguas *alóctones*). Além disso, usam-se pelo menos duas línguas de sinais de comunidades surdas, línguas afro-brasileiras, e práticas linguísticas diferenciadas nos “quilombos”, muitos já reconhecidos pelo Estado, e outras comunidades afro-brasileiras. Finalmente, há uma

ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil, diferenças estas de caráter diatópico (variações regionais) e diastrático (variações de classes sociais) pelo menos. Somos, portanto, um país de muitas línguas, tal qual a maioria dos países do mundo (em 94% dos países são faladas mais de uma língua).

No tocante a herança linguística africana, as línguas que aqui aportaram não se estabeleceram por vários motivos que não vem a propósito nesta pesquisa. A variedade dialetal falada em comunidades afro-brasileiras é designada pelo GTDL como *línguas de comunidades afro-brasileiras*. Essa definição se baseou na manifestação de usos específicos, seja como línguas rituais (por exemplo, as usadas nos cultos afro-brasileiros), seja como línguas secretas que identificam afrodescendentes como a Gira da Tabatinga fruto de remanescentes de uma das duas famílias de Bom Despacho/MG detentoras da tradição linguístico-cultural africana.

Essa língua de comunidade afro-brasileira é composta por um português rural do Brasil-Colônia e por línguas do grupo Bantu, com predomínio do quimbundo e umbundo, faladas até hoje em Angola. A língua praticada na Comunidade Afro-brasileira da Tabatinga é considerada uma língua minoritária de base africana, reconhecida por sua riqueza, sua função histórica e sua legitimidade. Mas ainda está longe o dia em que as línguas minoritárias, como indígenas e africanas, passarão a ser “línguas naturais” e não “dialetos” marginalizados e estigmatizados pela cultura dominante.

Porém, esse uso de uma língua de comunidade afro-brasileira, realizada somente pela prática oral perde cada vez mais espaço para a língua escrita, principalmente por sua prática nas escolas etc., e como critério de inserção social; colocando em desuso as línguas minoritárias. Está em jogo a questão do prestígio da escrita em relação as línguas africanas. A resistência para tratar de questões relativas às línguas africanas no Brasil começa, antes de tudo, pelo prestígio atribuído à escrita em detrimento da oralidade, a partir de uma pedagogia vigente no mundo ocidental, que sempre privilegiou o ler e o escrever diante da não menos importante e mais antiga arte do falar e do ouvir.

O plurilinguismo é uma característica que ocorre na grande maioria dos países e no Brasil não é diferente. Só que aqui, devido às repressões, os afrodescendentes, passaram obrigatoriamente a usar a língua portuguesa; deixando o uso de suas línguas ou códigos em grupos específicos, como a linguagem-ritual usada nos cultos de origem

afro e afro-brasileiro, e também como língua secreta, usadas, por exemplo, nas atuais comunidades afro-brasileiras, ou seja, as referidas representações linguísticas existentes hoje estão em grupos pequenos e com um número de léxico bastante reduzido:

I— Os cultos de tipo —candomblé das diferentes —nações (nagô-quetu, jeje, angola) utilizam diversas línguas: iorubá, em todos os cultos e principalmente na nação nagô-quetu; ewe-fon, nos cultos jeje; quimbundu e quicongo, no candomblé de Angola. No Maranhão, no tambor de mina, há um misto de língua mina-nagô.

II— Nos cultos de umbanda — religião brasileira formada do encontro de cultos africanos e tradições indígenas com o espiritismo e o catolicismo — fala-se português brasileiro popular, com vocabulário, semantismo e traços morfossintáticos particulares, próprios da entidade incorporada pelo médium no estado de transe (Bonvini; Petter, 1998:78).

III— Por comunidades negras rurais, como forma de resistência cultural foi registrado por duas obras: uma sobre a linguagem do Cafundó, em São Paulo (Vogt; Fry, 1996) e outra a respeito da linguagem da Tabatinga, em Minas Gerais (Queiroz, 1998). Em Minas Gerais há menções sobre situação semelhante no povoado de Milho Verde e em Capela Nova (Queiroz, 1998:32).

IV— [...] Vogt; Fry relatam a existência em Patrocínio (MG), de uma língua‘ identificada como calunga, com um léxico bastante semelhante ao do Cafundó, mas com um uso bastante distinto: ela é falada por brancos e negros, indistintamente (Vogt; Fry, 1996:234-255).

## Espaço e sociedade na relação entre sociolinguística e dialetologia

Conforme observa Altenhofen (2014), fronteiras políticas e fronteiras linguísticas dificilmente coincidem. Neste estudo, ao tratar desta temática percebemos que mesmo os quilombos dentro das áreas determinadas diferem linguisticamente. As línguas variam internamente e de *status*, podendo ser a) língua majoritária ou minoritária, b) central ou periférica, ou ainda c) língua oficial ou marginal”. As línguas que foram trazidas para o Brasil pelo escravizados nunca teve um status de majoritária, portanto, sempre fora considerada minoritária.

Isso faz com que línguas muito distintas ocupem territórios e constituam territorialidades

Por *territorialidade* entendo, aqui, o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística. O *território* é, em contrapartida, a base físico-geográfica, a área onde se constituem territorialidades distintas. Consequentemente, a territorialização refere-se à ação de ocupar territórios e definir aí territorialidades, que, como veremos, podem ocorrer em diversos níveis, desde o situacional até o geográfico (Altenhofen, 2014:73).

A situação que se apresenta no Rio Grande do Sul é de contato do português com várias outras línguas, dentre elas com línguas indígenas num primeiro momento, línguas africanas num segundo momento, e por último, línguas de imigração (alóctones) vindas a partir da segunda metade do século XIX. O que está ocorrendo a partir do contato destas línguas é o que Altenhofen (2014) denomina de *territorialização horizontal*, ou seja, territorialidades com menor densidade de ocupação de espaço. Pesquisas atuais dão conta de que desde o séc. XIX passou-se ao processo de *territorialização vertical*, através do qual o português vem substituindo a territorialidade das línguas as com quais entrou em contato (Ponso, 2003; Margotti, 2004; Leão, 2007; Pertile, 2009; Dück, 2011; Horst, 2014).

## Dimensões de análise

De acordo com os objetivos propostos para esta pesquisa, serão controladas três dimensões e parâmetros da amostra, segundo o Quadro a seguir.



Além dos parâmetros elencados no Quadro consideramos o critério de ter nascido e vivido sempre ou a maior parte de sua vida na comunidade onde mora.

Quadro 1: Dimensões e parâmetros de análise da pesquisa

| <b>DIMENSÃO</b>               | <b>PARÂMETRO</b>  | <b>CRITÉRIO</b>  |
|-------------------------------|---|--|
| <b>diatópica</b>              | <b>Topostático</b> (informantes não trocam de quilombo)<br>quilombo rural – quilombo urbano   | Sete localidades de pesquisa:<br>RS01 Região do Litoral/Lagunas – Morro Alto (Osório).<br>RS02 Região Metropolitana – Família Fidelix (Porto Alegre).<br>RS 03 Região dos Pampas e Antigas Charqueadas – Maçambique (Canguçu).<br>RS04 Região da Campanha – Quilombo de Palmas (Bagé)<br>RS05 Região da Depressão Central – Cerro Formigueiro (Formigueiro).<br>RS06 Serrana /Imigração – São Roque (Arroio do Meio).<br>RS07 Região das Missões – Comunidade Quilombola Correa (Giruí). |
| <b>diastrática</b>            | <b>Se:</b> Sem Escolaridade<br><b>Ce:</b> Com Escolaridade  | <b>Se:</b> Sem Escolaridade<br><b>Ce:</b> Com Escolaridade<br>NÃO será considerada, pois um dos critérios para a entrevista era !escolaridade preferencialmente inferior a Ensino Médio.   |
| <b>diageracional</b>          | <b>GII</b> (geração velha)<br><b>GI</b> (geração jovem)   | <b>GII:</b> idade acima de 55 anos<br><b>GI:</b> idade entre 18 e 36 anos<br>Foram realizadas entrevistas separadas com os mais velhos e os mais jovens.   |
| <b>diassexual</b>             | <b>H:</b> Homens<br><b>M:</b> Mulheres  | A variação diassexual será observada apenas de forma qualitativa, por meio da pluralidade simultânea de informantes, que reúne homens e mulheres de mesma geração e perfil sócio-cultural na mesma entrevista.   |
| <b>diafásica</b>              | <b>Resp:</b> respostas ao questionário<br><b>Tx:</b> conversa livre (etnotextos)  | NÃO será considerada, apesar da atenção a dados de entrevista com questionário e conversa livre, porém de forma qualitativa.   |
| <b>diarreferencial</b>        | <b>Lg:</b> fala “objetiva”<br><b>MLg:</b> fala metalinguística  | Análise qualitativa de dados obtidos por meio da técnica de entrevista em três tempos: perguntar – insistir - sugerir  |
| <b>diareligiosa</b>           | <b>Mafri:</b> cultos de matriz africana<br><b>Crist:</b> cristão (católico, evangélico etc)   | NÃO será considerada, será dada atenção à religião, porém de forma qualitativa.  |
| <b>dialingual (contatual)</b> | <b>Conta:</b> monolíngues e/ou contato com língua alóctones<br><b>Lafri:</b> praticantes de línguas ritualísticas de religiões de matriz africana | NÃO será considerada, porém será dada atenção para situações de contato línguas autóctones e línguas alóctones e para praticantes de línguas ritualísticas de religiões de matriz africana.  |

## Coleta dos dados

Para a coleta de dados visitamos sete comunidades quilombolas em sete Regiões distintas do RS. Nossa intenção num primeiro momento, era entrevistar, um homem e uma mulher da geração mais velha juntos; e num segundo momento, um homem e uma mulher da geração mais nova; não necessariamente nesta ordem. A boa vontade em participar da pesquisa fez com que em algumas comunidades houvesse uma pluralidade de entrevistados. Nestes pontos houve a presença de informantes, como segue:

Quadro 2: Número de informantes.

| Ponto | Comunidade                   | GIIm               | GIIf | GIm | GIf | Total     |
|-------|------------------------------|--------------------|------|-----|-----|-----------|
| RS01  | Morro Alto                   | 2                  | 1    | 0   | 0   | 3         |
| RS02  | Família Fidelix              | 1                  | 1    | 1   | 1   | 4         |
| RS 03 | Maçambique                   | 1                  | 2    | 1   | 2   | 6         |
| RS04  | Quilombo de Palmas           | 1                  | 2    | 1   | 1   | 5         |
| RS05  | Cerro Formigueiro            | 1                  | 1    | 1   | 2   | 5         |
| RS06  | São Roque                    | 1                  | 2    | 2   | 1   | 6         |
| RS07  | Comunidade Quilombola Correa | 1                  | 2    | 1   | 1   | 5         |
|       |                              | 8                  | 10   | 7   | 8   |           |
|       |                              | <b>Total Geral</b> |      |     |     | <b>34</b> |

Esta pesquisa tem um caráter inovador, uma vez que fizemos uma macroanálise pluridimensional e relacional do português falado por afrodescendentes de comunidades afro-brasileiras do Rio Grande do Sul situadas em sete pontos distintos entre si.

Após a etiquetagem dos dados, investigamos ponto por ponto como se constituiu e constitui a variedade local das comunidades quilombolas, buscando descobrir se elas mantêm ou substituí variantes de origem africana ou mais arcaicas, ou seja, se configuram uma variedade mais conservadora ou mais contemporânea. Em seguida verificamos se a variedade local do português convergia ou divergia do português do entorno; por fim, se se distancia ou aproxima do standard/substandard do português do Brasil, ou melhor, se, mostram uma variedade mais normatizada ou mais popular, levando-se em conta os traços característicos:

|                          |                              |
|--------------------------|------------------------------|
| [+ peculiar]             | [+ nivelamento]              |
| [+ conservador/ arcaico] | [+ mudança linguística]      |
| [+ africano]             | [+ substituição linguística] |
| [+ popular]              | [+ normatização]             |

Essa identificação serviu de base para a cartografia e análises quantitativas.

## **Macrotendências observadas**

A análise particularizada de cada um dos mapas elaborados para este estudo permitiu observar algumas macrotendências que ou confirmaram ou rebateram expectativas formuladas no início da pesquisa:

a) No plano diatópico, podemos destacar as seguintes tendências:

- 1) RS01 (litorâneo) e RS02 (urbano) são os pontos que mais conhecem a forma [+afro]. Por extensão, parecem ser os pontos com maior consciência das marcas de africanidade (v. **mapas 028** e seguintes provam isso);
- 2) RS03 (charqueadas) e RS04 (pampas) sugerem um comportamento fortemente convergente e assimilável ao português do entorno. Têm, por isso, um comportamento regional próprio (cf. **mapas 028b**). RS04 parece ser o ponto mais conservador, mesmo que muitas vezes predomine uma variante que poderia ser não exclusiva da influência afro;
- 3) por fim, RS05 (região central) constituiu um ponto à parte, com um comportamento de perda acentuada, como em parte também RS07;
- 4) os pontos RS02, RS03 e RS05 muitas vezes compartilham comportamentos que parecem sinalizar uma influência dos centros urbanos em torno (Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria);
- 5) O ponto RS06 (de imigração) parece ser o ponto que mais reflete a influência do contato com língua imigração, ao lado do ponto RS07 (missioneiro) que também possui influência de imigração, pelo menos na variação fonética (cf. **mapas 001-003, 015, 016**).
- 6) Os pontos situados mais ao norte (Litoral – RS01, Imigração – RS06, Missões – RS07) e, em posição intermediária, RS05, levantam a hipótese de influência paulista de um português popular de base caipira, provavelmente em virtude das rotas de tropeiros, por exemplo, na ocorrência de /r/ retroflexo. c ompartilham igualmente marcas que parecem contrastar com o português rio-grandense de influência paulista e de imigração
- 7) Os pontos RS05 e RS07 são os que menos conhecem a forma [+afro] (cf. **mapas 028d e 035**).

b) Na dimensão diassexual, evidencia-se, de modo geral, que as mulheres, mesmo as GII, tendem a um comportamento de maior adesão às inovações ou às variantes do português do entorno, de fora das comunidades afro-brasileiras. Isso pode

se explicar pelo papel social das mulheres que mantinham um contato maior com falantes lusos, tendo em vista sua atividade como servindo os senhores/os donos.

c) Os falantes homens GII, em contrapartida, parecem constituir o grupo mais conservador. Entre os jovens, é também primordialmente o grupo GI<sub>m</sub> que mais mantém variantes [+afro] no português.

d) A análise da variação lexical do português das comunidades afro-brasileiras analisadas no RS sinaliza fortemente uma mudança em curso em dois sentidos:

- 1) de um lado constata-se, através dos dados cartografados, uma perda significativa de variantes [+ **afro**] da GII para GI;
- 2) de outro lado, verifica-se no sentido contrário uma reintegração de formas [+ **afro**], provavelmente resultantes em grande parte do português geral falado no entorno destas comunidades tanto de/quanto de uma consciência identitária acentuada por meio do movimento negro; a comparação diageracional permite levantar essa hipótese.

### **Considerações Finais**

À guisa de conclusão, vale destacar ao menos dois pontos relevantes que serviram de motivação à finalização deste estudo. Primeiro, tratar-se da linguagem de um tipo de minoria cuja linguagem não se encontra em um processo de obsolescência no que diz respeito à espacialidade sul-riograndense. Temos plena certeza que com esse trabalho, pelo menos parte de nossa riqueza linguística fica registrada. Em segundo lugar, o estudo tem seu valor como registro de uma fala regional brasileira, especificamente do RS; afinal, o que as comunidades afro-brasileiras estudadas falam é uma variedade do português.

Este trabalho foi a tentativa de romper paradigmas. Com todas as deficiências e lacunas que reconhecemos neste trabalho – e a pesquisa com os dados levantados deve continuar com certeza, visto que há ainda muitos dados por analisar no *corpus* levantado – se o presente estudo proporcionou um olhar e uma perspectiva diferente de estudo das relações entre língua e sociedade em comunidades afro-brasileiras do Brasil, em toda a sua diversidade representada, neste recorte do Rio Grande do Sul – litoral, metrópole, charqueada, pampa, imigração, planalto central e Missões (colônias novas) –

Eu enquanto autor, que se considera parte dessa história, já se dará por satisfeito pela contribuição prestada. Entender como se constitui ou desconstitui a língua de um grupo humano é, aliás, o primeiro passo para a afirmação de sua identidade.

A realização deste estudo permitiu, enfim, **entender um pouco melhor a dinâmica de formação do português em comunidades desse tipo, historicamente segregadas em virtude de sua condição de opressão, porém não descontextualizadas, tampouco tão isoladas que só se possa pensar em formas arcaicas.** Um ponto central que não se pode esquecer é que essas comunidades se constituíram, acima de tudo, “em situações de contato linguístico” com a sociedade do entorno. O **português dos afro-brasileiros**, nos dias atuais, é essencialmente o resultado dos contatos linguísticos desses grupos de fala com o português da sociedade e cultura dominante em que estão inseridos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALERS, 2011a = Koch, Walter; Altenhofen, Cléo V. & Klassmann, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 512 p.

ALERS, 2011b = Altenhofen, Cléo V. & Klassmann, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 960 p.

Altenhofen, Cléo V. 2008. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: Espiga, Jorge; Elizaincín, Adolfo. (Org.). *Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas, v., p. 129-164.

Altenhofen, Cléo V. 2014. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: Fernández, Ana Lourdes da Rosa Nieves; Mozzillo, Isabella; Schneider, Maria Nilse & Cortazzo, Uruguay (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, p. 69-103.

Bonvini, Emilio. 2009. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: Fiorin, José Luiz; Petter, Margarida Maria Taddoni. *África no Brasil – a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, p. 15-62.

Bonvini, E.; Petter, M. M. T. 1998. Portugais du Brésil et Langues Africaines. *Langages*, 130, Paris: Larousse.

Careno, M. F. do. 1997. *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. São Paulo: Arte & Ciência/UNIP.

Dück, Elvine Siemens. 2011. *Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Horst, Aline. 2014. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras.

Lucchesi, Dante. 1998. A contituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: Große, S.; Zimmermann, K. (Ed.) *“Substandard” e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM.

Lucchesi, Dante; Baxter, Alan; Ribeiro, Ilza. 2009. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA.

Margotti, Felício Wessling. 2004. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG-Letras.

Pertile, Marley Terezinha. 2009. *O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pessoa de Castro, Yeda. 1990. *Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos*. In: Sociedade, cultura e língua: Ensaios de sócio e etnolinguística. Org. por Linalda de Arruda Mello. João Pessoa : Shorin, p. 91-113.

Petter, M. M. T. 2001. Africanismos no português do Brasil. *História das idéias linguísticas: Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Eni P. Orlandi (org.). Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat Editora.

Petter, M. M. T. 2002. Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. In: Nunes, J. H. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes.

Petter, M. M. T.; Fiorin, J. L. 2009. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Contexto.

Ponso, Letícia Cao. 2003. *A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilingue de São Marcos - RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Thun, Harald. 1998. *La geolinguística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21. : 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen : Niemeyer. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

Thun, Harald. 1996. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera*. In: Radtke, Edgar; Thun, Harald [orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl. p. 210-269.

Vogt, C.; Fry, P. 1996. *Cafundó – A África no Brasil*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp.

## Anexos

